

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

17.01.1995

MILTON GURAN - Estamos em Porto Novo, a nome de solteira da senhora é Campos, a senhora é...?

FLORENTINE AMÈGAN - Senhora Amègan, nascida Campos.

MG - Eu gostaria que a senhora me contasse mais uma vez a bela história de sua família, que tem o nome da cidade de Porto Novo.

FA - Então, antes de tudo tinha o meu avô, e o seu tio Campos Echaristis que tinha chegado.

MG - Ele era tio do antepassado da senhora?

FA - Não, ele era o tio do meu avô. Ele tinha chegado em 1745. Tinha chegado ao Daomé e foi ver o rei de Porto Novo, para explicar a ele que, bom, ele tinha chegado e que era por tal coisa que tinha vindo. E quando ele viu a cidade de Porto Novo, ficou tão espantado, que disse: “- Porto Novo!”, quer dizer, novo porto. E quando ele disse isso ao rei, o rei ficou tão contente que adotou o nome.

MG - E qual era o nome da cidade?

FA - A cidade tinha dois nomes. Ela se chamava Adjatche e Hogbonou. Porque tem duas raças. Quando ele veio, ele deu um terceiro nome. É porto novo. O rei adotou o nome Porto Novo. Quando ele veio, ele passou por Sèmè. O senhor conhece Sèmè?

MG - Sim.

FA - Ele veio por lá. Ele ficou algum tempo lá, tinha nevoeiro, ele não podia mais repartir. Foi isso mesmo que o fez ficar em Sèmè, porque ele não enxergava mais nada. Ele ficou algum tempo e depois ele repartiu. E, em 1852, foi o meu avô que veio. Primeiro foi o Martin que veio. Ele veio e repartiu, e veio de novo, agora com Campos Gonzalo, Lopez Gonzalo. Vieram os três. Campos Gonzalo é nosso avô. Eles ficaram todos os três. E foi para o comércio e a escravidão que eles vieram. Mas acontece que tinha a abolição. Como tinha a abolição eles faziam isso clandestinamente. Quando os brancos começaram a guerra, ele não podia mais partir.

MG - Era a abolição não da escravidão, mas do tráfico? Porque primeiro aboliram o tráfico, depois a escravidão...

FA - Sim, do tráfico. Eles não podiam mais repartir, foram obrigados a ficar. Eles pegaram mulheres entre as que tinham aqui. E ficaram aqui, não podiam mais ir para lá¹. Então, meu avô, ele tinha sua mulher lá. Depois que ele veio para cá, ele não podia mais se corresponder com aqueles que ficaram por lá, que estavam na Bahia, do Brasil, etc. Eles não receberam nenhuma notícia dele, ele também, nada. Ele morreu aqui, depois de ter tido alguns filhos ainda. Ele ficou aqui. Esses daqui não conheciam aqueles de lá. E depois, esses nem conheciam lá, não podiam nem ir para lá, não podiam saber de nada. E ele não entendia a língua das mulheres dele, então ele não podia contar nada.

MG - Mas alguns de seus filhos aprenderam a língua dele?

FA - Sim. Quando ele queria falar com suas mulheres, ele tinha um intérprete. Quando ele queria dizer alguma coisa, ele tinha um intérprete que ele tinha trazido. E era ele [o intérprete] que fazia as compras para as mulheres dele, que falava com as mulheres dele. Então, ele não entendia nada, a história ficou assim, ele não podia dizer nada para as mulheres dele, até sua morte, porque as mulheres não entendiam nada do que ele dizia. Ele também, nada do que as mulheres diziam. É por isso que a gente não sabe exatamente de onde ele veio, onde ele estava.

MG - Eu vou encontrar isso para a senhora. Vamos procurar. Talvez a gente venha saber exatamente de onde ele veio e quando ele veio. A senhora me disse que o seu pai tinha o hábito de falar em brasileiro com ele, então seu pai aprendeu.

FA - Sim, porque ele era o mais novo, caçula do pai dele. O pai dele amava tanto ele! O pai dele tinha a cabeça fervendo, fervendo, fervendo. Ele era severo, parece. Quando as mulheres dele falavam, ele achava que elas estavam gozando dele. Ele estava todo o tempo nervoso. Então, quando eles falavam seus filhos também riam, porque não era a mesma língua. Parece que era só o meu pai que se aproximava dele, porque ele era muito severo e os outros tinham medo. E meu pai aprendeu algumas palavras, ele era pequeno. Depois da morte do pai dele, já que ele não falava mais [o português com seu pai], ele passou a falar só a língua da mãe dele. Ele esqueceu tudo antes mesmo de pôr no mundo os seus próprios filhos. Antes, quando eu era uma senhorita, quando eu era pequena, a gente falava a língua, falava algumas palavras da língua, na nossa família. Foi isso que aconteceu com todos os afro-brasileiros.

MG - Então, ele chegou em 1850, aproximadamente, ele era um homem de 50, 60 anos, então ele morreu digamos que quinze anos depois, digamos que com a idade de 70 anos.

FA - Sim, ele chegou em 1852. Mas eu não sei com que idade ele morreu. Ele viveu bastante tempo. Meu pai nasceu em 1882, eu acho.

MG - Desculpe a pergunta, mas a senhora é de quando?

¹ Para o Brasil.

FA - 1940. Meu pai tinha se aposentado antes do meu nascimento. É que eles vivem muito tempo.

MG - Tem uma coisa que me espanta um pouco, é que, quando a gente faz o cálculo das gerações, a gente conta 25 anos, mas aqui, é preciso contar 40, 50 anos? A senhora tem muitas irmãs e irmãos, não é?

FA - Sim, eu tinha. Agora nós somos dez. Eu tenho ainda três irmãs atrás de mim.

MG - Uma curiosidade: o marido da senhora vem do Togo. A senhora tem, a um só tempo, origem do país, ou seja, origem fom, gum, nagô², etc. Quantas línguas a senhora fala?

FA - Tenho origens nagô. Falo três a quatro línguas.

MG - No que a cultura brasileira marcou a vida da senhora? No que a senhora acha que é diferente dos outros meninos e meninas, que não eram filhos de brasileiros? Primeiro, tem a pele branca? Então, a senhora tem um antepassado branco, enquanto os outros têm um antepassado negro, e depois, tem a história da festa, etc. No quê, como, a senhora vê tudo isso? Isso marcou a senhora? Tem uma diferença?

FA - Incomoda. Hoje eu posso dizer que realmente o negócio do tráfico marcou todo mundo, mesmo aqueles que têm a pele branca. E o que eu desejaria é que todo mundo esquecesse essa história, porque isso mudou, e se a gente não esquece, fala. Deve falar. Mas, o que é preciso desejar é que isso não aconteça mais. Porque é uma coisa ruim. Por exemplo, eu, meu avô, não sei se era escravo ou não. Falaram-me que ele tinha a pele branca. Então, como meu irmão tinha encontrado um branco que disse a ele que era seu antepassado, então, não conhecemos nada de sua história. Aqui, no ponto em que estamos agora, não sabemos de onde viemos. Isso é realmente lamentável. Meu avô, se ele é um brasileiro, ok, mas a gente não conhece sua história. Se ele não veio aqui para procurar, para fazer o comércio da escravidão, saberemos ao menos que somos [?] ³. Agora, que ele veio, e não podia nem mesmo se expressar... Nós perdemos, muitas pessoas perderam desse jeito. Não conhecemos nossa origem.

MG - Diga-me uma coisa, a senhora tem um antepassado que veio do Brasil. Tem também quem tenha ido para lá como escravo e que depois retornou? Na época do pai da senhora, tinha muitas gerações, os retornados, e vocês, que eram Campos?

FA - Sim, todo mundo estava junto, os retornados, tudo isso. Todo mundo estava junto. Desde que você escuta o nome, pronto, você é da família. Nós éramos solidários.

MG - É a origem comum: eu não sei de onde eu venho.

² Fom (ou fongbè) é a língua falada em Abomé (ou Abomey) e é também uma etnia. Gom (ou goun) é um grupo etno-lingüístico de Porto Novo. Nagô (yorùbá ou iorubá) é um dos maiores grupos etno-lingüísticos da África Ocidental.

³ Nesse trecho falta uma palavra.

FA - Sim, eles se frequentavam e as pessoas daqui tinham medo deles. Porque eles diziam que, depois dos brancos, eram os afro-brasileiros.

MG - Eles são chamados de agudás. É em que língua?

FA - Agudá⁴ é fom.

MG - As pessoas tinham medo. Por quê?

FA - Porque pegavam eles por brancos. Eles faziam tudo da forma dos brancos.

MG - O pai da senhora fazia o quê?

FA - Ele era enfermeiro (ou dono/trabalhador de gráfica?)⁵.

MG - Ele trabalhou com o senhor Karin da Silva?

FA - Não, o senhor Karin da Silva é mais novo.

MG - A senhora tem razão. É uma geração depois. Ele estudou em escolas brasileiras, a senhora se lembra?

FA - Eu não sei.

MG - Na época dele tinha escolas?

FA - Tinha escolas em Uidá, Aguê⁶.

MG - Os brasileiros são solidários até os dias de hoje? Tudo bem?

FA - Não, isso mudou. Porque, antes, aos domingos, quando eles deixavam a missa, eles se frequentavam. Eles viam se tal pessoa estava melhor, se ele não ia à missa, eles iam procurá-lo na casa dele, ver o que se passava. Eles se frequentavam, se visitavam. Mas, hoje, não tem mais tempo. Cada um corre atrás do que ele vai comer. Salvo essa história de Burrinha, aí, que nos une.

MG - Tem a associação dos afro-brasileiros, não é a mesma coisa?

FA - Não, não é a mesma coisa. Porque tem o Karin que sua [?]⁷. São os brasileiros. Porque temos que festejar isso, temos que ir à missa. Entre os muçulmanos não se pode ir à missa.

MG - Então, a senhora faz a Burrinha e não participa da associação? Mas a senhora tem amigos que estão lá, na associação dos retornados do Brasil?

FA - Estamos todos juntos. O senhor vai me desculpar muito, mas tenho que dar...

⁴ *Agoudas*, em francês.

⁵ (*imprimeur?*) - no manuscrito original.

⁶ Uidá é a tradução brasileira de Ouidah, e Aguê, de Agoué.

⁷ Aqui falta uma palavra, no manuscrito há um espaço vazio.

MG - A senhora me disse que fez pequenas pesquisas, que tinha documentos. Como é isso?

FA - Tenho alguns documentos, os brasileiros que estão aqui.

MG - Documentos que a senhora encontrou aqui, no Benim?

FA - Sim, no Benim, na biblioteca. Eu fotografei alguns.

MG - Eu gostaria muito de vê-los um dia. Se a senhora puder me mostrá-los. Isso me interessa muito. Em que biblioteca?

FA - A biblioteca de Porto Novo, perto de Wando.

MG - A história é que foi o tio do avô da senhora que deu o nome da cidade de Porto Novo. Onde a senhora aprendeu essa história?

FA - Aprendi na escola.

MG - Na escola? Então todo mundo fala isso, é célebre.

FA - Eu aprendi na escola. Eu não sabia nada, eu sabia que se chamava Porto Novo, Porto Novo. Era a história de Porto Novo, na história do Daomé de outros tempos.

MG - Então a senhora ficou muito orgulhosa disso, enquanto brasileira? Você está me dizendo que agora as pessoas não se amam mais muito, que o mais importante é a Burrinha, mas que, antes, bastava ver o nome para dizer: “- Ah, é um irmão!”. Agora, ainda existe essa ideia, ou não existe mais?

FA - Não existe mais como antes. Antes, eu sabia que quase a cada dia tinha um afro-brasileiro que vinha nos visitar. Meus pais também iam vê-los. Eles se frequentavam, quase todos os dias a gente tinha que receber alguém em casa.

MG - O modo de se relacionar mudou de um modo geral. É o rádio, o jornal, a televisão, tudo isso mudou os modos. Porque, antes, para saber o que se passava no mundo e tudo isso, era preciso se frequentar, contar. Agora, as pessoas escutam o rádio. Antes, tinha somente os mercados como espaço público. Hoje tem a escola, tem tudo isso, e tem atividades recreativas. Não é culpa dos afro-brasileiros. Não é porque eles são menos próximos.

FA - Se eu digo isso é porque, esses aí pegaram mulheres aqui, fizeram filhos com pessoas daqui. É por isso que essa ligação não permaneceu.

MG - Porque os afro-brasileiros fizeram filhos com mulheres daqui. Mas eles se casaram também entre eles?

FA - Eles se casaram entre eles, eles se amavam e se casavam o mais frequentemente entre eles. Quando tinha uma cerimônia em algum lugar, eles iam todos. Eles ajudam uns aos outros.

MG - A senhora também casou com um senhor que não é brasileiro? E os filhos de vocês, têm orgulho da origem brasileira? Porque eles não têm nem mais o sobrenome [brasileiro].

FA - Sim. Eles têm orgulho. Eles realmente têm orgulho. Mas eles não têm mais o sobrenome.

MG - No Brasil, usamos o sobrenome do pai e da mãe.

FA - Sim, foi isso que eu percebi.

MG - E como eu tenho o sobrenome da minha mãe – é Monteiro -, eu conheço a senhora Monteiro, nascida Monteiro, porque guardamos o sobrenome. Falaram comigo e eu fui lá, na placa está marcado Monteiro. Eu disse: “- Ah, esse é o sobrenome da minha mãe”. Eu tirei meu passaporte e olhei. Nós usamos os sobrenomes do pai e da mãe, assim ele se transmite.

FA - É bom, lá [no Brasil] o senhor não estará perdido.

MG - Mas aqui tem outra coisa, no Benim. Os brasileiros aqui no Benim, eles transmitem o sobrenome aos seus filhos. E as pessoas do país, elas não usavam o sobrenome, antes? Então, era mais difícil⁸ aqui de saber, de recuperar realmente a história. Depois, não foi graças à França que eles pegaram os sobrenomes. Com frequência encontramos aqui irmãos do mesmo pai e da mesma mãe com sobrenomes diferentes.

FA - Sim, sim.

MG - Diga-me uma coisa, têm brasileiros que são católicos e brasileiros que são muçulmanos. No início, era assim, mas isso não impedia a relação entre os brasileiros. Isso se mantém até hoje?

FA - Os brasileiros muçulmanos, dizem que lá eram cristãos. E eles dizem: “- Se vocês querem nos incomodar...” - e é, sobretudo, o senhor Da Silva que diz isso: “- Nós temos nossa igreja lá, e vamos voltar para lá”. Nós éramos cristãos. Eles também, eles sabem que eram cristãos. Eles tinham voltado cristãos. Aqui, agora, e é o senhor Paraíso, Ignácio Paraíso, é ele que fez, que tinha muitos muçulmanos. Ele estava entre aqueles que fizeram a mesquita. Porque, quando ele voltou, ele se converteu ao islamismo e ele levou com ele vários amigos brasileiros.

MG - A senhora sabe que a mesquita que está aí, a grande mesquita de Porto Novo, é em todos os aspectos parecida com uma igreja baiana. Mas é impressionante, é uma igreja baiana católica, a mesquita de Porto Novo. Vou mandar para a senhora uma carta postal de uma igreja baiana, a senhora vai ver, é exatamente uma igreja baiana católica. É mais igreja católica do que a catedral. A catedral parece com as igrejas da Europa do Norte, mais gótica. É exatamente uma igreja baiana, é muito interessante.

⁸ No manuscrito está escrito *different*, ou diferentes, o que parece engano da transcrição.

FA - Eles estão em Porto Novo, eles são numerosos (os Paraíso). Eles têm sempre grandes famílias. Eles pegam muitas mulheres muçulmanas, pelo menos quatro mulheres. É por isso que eles são numerosos.

MG - Tem que ter dinheiro?

FA - Eles procuram dinheiro. Os muçulmanos são sempre mais ricos. Eles tentam, pelo menos.

MG - A senhora não tem relações estreitas com os Paraíso?

FA - Os Paraíso, eu os conheço. Mas o senhor vê os muçulmanos e os cristãos, tem sempre um vazio no meio. Não é a mesma religião.

MG - Têm famílias que são meio católicas (cristãs), meio muçulmanas? A senhora vê o Karin. Ele se chama Karin Urbain ou Urbain Karin?

FA - Porque o pai dele é brasileiro. O pai dele também tem um nome cristão. Todos os brasileiros, quando as crianças nascem, dão sempre nomes cristãos, depois, nomes muçulmanos.

MG - E o [?]⁹, como ele chama?

FA - Aquele que veio aqui chama Sinhô¹⁰ Lionel. Tem um outro que chama Romeu. Tem uma menina aí que chama Chiquinha¹¹. Tem outro [chamado] Antônio.

MG - É verdade, eles têm todos, nomes brasileiros.

FA - Chiquinha quer dizer Françoise, não?

MG - Quer dizer pequena Françoise, não pequena, mas no sentido de Françoise tem Françoise simplesmente, que é o nome Francisca¹². Uma mãe chama sua filha querida Françoise, então, quando queremos dizer que a pessoa é querida, colocamos o “inha”. A senhora entende, quer dizer também pequena. Não no sentido de tamanho, mas no sentido de ternura. Chiquinha quer dizer isso, minha querida Francisca. É um nome muito bom, muito comum, sobretudo na época do avô da senhora. Era um nome de mulher muito usado, mas o homem é chamado Francisco. Isso significa François. Na opinião da senhora, os brasileiros fazem muitos negócios entre eles?

FA - Antes eles eram quase todos comerciantes. Os filhos dos brasileiros que voltaram eram quase todos comerciantes. Os verdadeiros comerciantes do Daomé eram eles.

⁹ Aqui falta uma palavra, há um espaço vazio no manuscrito.

¹⁰ No manuscrito está “Déo Lionel”, que remete a “Seo”, sinhô Lionel.

¹¹ No manuscrito está “Séquiyan” e, na entrelinha, “Chiquian”.

¹² No manuscrito está “Séqui”.

Depois, os filhos de todos aqueles que se frequentavam viraram funcionários. Tinham muitos comerciantes e funcionários.

MG - Muitos pedreiros, não? Porque vemos todos os prédios construídos pelos comerciantes brasileiros...

FA - Tinham muitos. Tinham muitos pedreiros, mas nem tantos, hein. Porque o senhor vê os brasileiros, eles não gostavam muito de fazer trabalhos pesados.

MG - Pedreiro, como eu disse, não é o operário pedreiro, mas o mestre de obras, alguém que dá as ordens. Os agudás, eles aprenderam bem com os mestres no Brasil.

FA - Sim, são grandes especialistas.

FIM.